

Que a caça grande (elefantes, rinocerontes, leões etc.) pode, às vezes, ser perigosa não somente para o caçador como também para o homem em geral, é evidente. E', pois, natural que o perigo de encontro com tais animais constitua um tema atraente e inesgotável nos clubes da África e da Índia. Mas, dificilmente serão encontrados caçadores experientes que tenham opinião idêntica de todos os animais. Outros, entretanto, elegem o rinoceronte. Surgem daí grandes discussões, pois são ponderáveis os grupos que se inclinam pelo búfalo. Sobre o leão, as opiniões são divergentes: enquanto alguns não pretendem ver nenhum perigo na caça ao "rei dos animais", outros têm tido com êle experiências perigosas e até mesmo fatais. Assim, pelo menos a maioria, admite que tanto os animais já citados, como os tigres e leopardos, não devem ser tratados com pouco caso...

Essas opiniões, entretanto, não subjetivas, dependendo das singulares condições do encontro. Mas, de qualquer forma, não parece difícil chegar a uma classificação geral, objetiva, dos perigos oferecidos pela grande caça. De início, é necessário fazer uma distinção fundamental, se um grande animal ataca o homem a seu bel-prazer ou se o faz apenas quando ameaçado ou ferido.



— Peles de onças. Foto, Reise —

Perigos da g

A grande regra é que os animais fôgem, mantendo-se a respeitável distância do "Homo sapiens", preferindo estudá-lo ou cheirá-lo de longe. Mas, existem certas exceções a essa regra. Alguns elefantes machos, por exemplo, atacam o homem de forma absolutamente imprevisível. Na Índia, êles são conhecidos e temidos; para que se faça uma idéia do sentimento de respeito que infundem, basta dizer-se

B R A S I L E I R O



que êsses elefantes machos são conhecidos pela denominação de "rogues", que pode ser traduzida como "criminosos".

Muitas vezes, trata-se de animais que fugiram de seus captadores devido aos maus tratos recebidos e passaram a nutrir profundo ódio pela espécie humana. A inteligência do elefante é quase tão apu-

grande caça

PROF. P. VAGELER

rada quanto a do homem e, o que é pior, ele possui uma memória formidável, não esquecendo nunca o passado, especialmente quando o passado é de sofrimento. Neste último caso, a pessoa é constantemente lembrada e quando surge uma ocasião propícia para a vingança, eles nunca a deixam fugir. A maioria dos "rogues", porém, são elefantes velhos, cuja ira — também manifestada contra os outros animais —



Antilope abatida na África



C a ç a n d o n a

A F R I C A

pode ser explicada por fortes dores de dentes. Isso pode parecer cômico, mas, na realidade, é um caso muito sério. Os elefantes utilizam-se de seus grandes colmillos para arrancar arbustos e até mesmo árvores, o que não raro os quebra. Elefantes com um só dente, ou mesmo sem nenhum, são encontrados em grande nú-

mero. Menos raros ainda são os que possuem apenas meio dente. Um homem, com a mesma deficiência e presa de fortes dores, não pode ser amável, o mesmo acontecendo com os elefantes.

Agora, quanto à história dos ataques gratuitos de rinocerontes, isso não passa de conto de fadas. Em minha longa existência de caçador profissional, tenho-me encontrado com dezenas desses ferozes animais, mas nunca pude observar um único caso de ataque intempestivo.

Extremamente perigosos, mais para os indígenas do que mesmo para os caçadores, são os tigres e leões da Índia e África, os chamamos "man-eaters", ou devoradores de homens. Um único "man-eater", pôde, durante anos seguidos, aterrorizar toda uma região e mata dezenas e até centenas de homens, porque do seu ponto de vista pouco lisonjeiro, o homem é a presa mais facilmente dominável, convicção que aumenta à medida que os ataques se vão tornando mais numerosos e bem sucedidos. E, à medida que a convicção vai aumentando, cresce a audácia do "man-eater", que, por outro lado, sente cada vez mais apetite pelo homem, pois vai ficando mais velho e menos ágil, o que o impede de se dedicar à caça de outros animais.

O famoso "man-eater" de Tsarvo, na África Oriental, celebrado num livro bem interessante, assassino de dezenas de homens, chegou, certa feita, à insolência de

matar dois caçadores num vagão de estrada de ferro. Enquanto viveu esse leão, nenhum indígena ousou deixar a sua casa, à noite, numa centena de quilômetros quadrados. O não menos famoso "man-eater", de Killossa, que matou 48 homens e com o qual eu me diverti pessoalmente, buscando-o durante dois meses inutilmente, foi morto por um "ascari", ao atacar uma mulher em pleno dia, no mercado da cidade. Outro "man-eater", o de Daresalam, matou o diretor de uma cervejaria no seu jardim, no centro da capital. Por sua causa, o pósto policial situado em frente ao pórtico de Daresalam foi abandonado, em consequência da morte de seis policiais.

Casos semelhantes, com tigres, são muito comuns na Índia. Eu mesmo perdi um carregador atacado por um "man-eater", no meu acampamento de Wembaree; o ataque foi tão rápido que ninguém pôde tentar salvar a vida do infeliz carregador. Um homem não é tão pesado que um leão ou um tigre não possa arrastá-lo; conhecem-se casos de leões que conseguiram pular cercas de quase dois metros de altura com um boi de dois anos na boca, sem maiores dificuldades. Mas, o matador do carregador voltou na noite seguinte e, muito confiante, devido ao êxito alcançado pela expedição da véspera, sentou-se à luz do fogo, diante de minha barraca, como se fosse eu o escolhido para o seu jantar. Acontece, porém, que matar um leão que está calmamente sentado à nossa frente, a apenas uns vinte metros de distância, perfeitamente iluminado pelo fogo, não é proeza difícil de ser realizada. O bicho não tinha quase dentes e uma de suas patas estava machucada, o que me deixou um pouco desapontado.

Já os leopardos muito raramente atacam o homem sem que tenham antes sido ameaçados e, isso mesmo à noite. Perdi, dessa forma, outro carregador durante uma marcha noturna.

Mas, todos aqueles casos citados são raros, exceções mesmo. A regra geral é que os animais só atacam quando se sentem em perigo. E ameaçados, eles se sentem sempre se o homem aparece repentinamente perto deles e aproxima-se, o que eles, logicamente, consideram um ataque. Isso vale, especialmente, para fêmeas com filhotes pequenos. Tais encontros impre-

vistos, entretanto, são facilmente evitáveis, especialmente em lugares de vegetação rasteira.

O grande e real perigo é o ataque de um animal ferido e por isso mesmo, raivoso. Nessas condições, o elefante pode ser considerado o pior de todos os inimigos, por uma razão especial: ferido, ele ataca sempre como um relâmpago, pisando o inimigo e dilacerando-o, às vezes, com os grandes dentes. E ferir apenas um elefante, não conseguindo matá-lo, é coisa comum. Mesmo com uma bala no coração, um elefante consegue reunir forças suficientes para correr duzentos metros ou viver até dois minutos, tempo mais do que bastante para aniquilar o caçador. Para neutralizar esses ataques irresistíveis com tiros, só há um meio: atingir o elefante em dois pontos vitais, ou seja, na origem da tromba ou entre o olho e a orelha, de lado. Esses pontos vitais, entretanto, são pouco maiores do que u'a mão, o que aumenta as possibilidades de erro...

Completamente diferente, todavia, é o caso do rinoceronte: Se o presidente Roosevelt escreve no seu livro que "o rinoceronte tem sempre más intenções e ataca por impulso próprio", explica-se pelo fato de o estadista e caçador norte-americano ter sido autor de autênticos massacres contra essa espécie de animais. Trata-se de um engano, para não dizer mesmo de uma mentira, com o fim de arranjar uma desculpa que lhe evitasse os ataques da imprensa por esse procedimento pouco esportivo.

O rinoceronte é um animal muito estúpido e, o que é mais importante, dotado de faculdades visuais muito restritas. Muito curioso, aproxima-se quando vislumbra um bicho de aparência esquisita, como é o homem. Se ele corre ao encontro do caçador, em 90% dos casos não está atacando, mas, simplesmente, querendo investigar... Essa investigação, ditada pela curiosidade, entretanto, termina sempre em ataques, pois o caçador dificilmente deixa de atirar ou de tentar a fuga.

Atirar de frente em um rinoceronte que ataca é loucura e suicídio certo. Os cornos protegem os pontos vitais da cabeça até contra balas modernas e nenhum tiro sobre o corpo, desferido de frente, tem efeito instantaneamente mortal. Somen-

te ferido, o rinoceronte é tão perigoso quanto um elefante.

Mas, tais experiências um autêntico caçador não as faz nunca. O rinoceronte não pode, como o elefante o faz, virar-se em plena "carreira", mudando o seu rumo; é muito grosseiro e pesado. Para evitar esse tipo de ataque, basta que o caçador se desvie para o lado, tratando logo de se esconder; o animal pensa que sua vítima fugiu e desiste. Agora, se o caçador quiser matá-lo, é praticamente uma brincadeira atingi-lo na nuca, ponto vital, atirando de pequena distância. No caso de o caçador optar por desviar-se, entretanto, praticamente será eliminado o perigo, pois o rinoceronte só conseguirá parar a uma distância de 30 a 50 metros e seu olfato não consegue localizar a vítima com facilidade.

Ensinado por antigos caçadores, segui essa técnica com excelentes resultados; devo esclarecer, porém, que optei pelo recurso de matar o animal, o que consegui com êxito. Uma coisa, porém, meus amigos tinham-se esquecido de me ensinar; é que o rinoceronte, morrendo de repente, não cai de lado, com os outros animais, mas, sim, de joelhos. O "meu" também fez isso. Causou-me uma impressão tão nítida de estar vivo, que atirei sobre ele mais três vezes, até que a gargalhada dos carregadores e o grito "Kifaro amekufa samani!" ("O rinoceronte já morreu há muito!") mostraram-me o engano que havia cometido. Esse engano, aliás, foi celebrado à noite, no acampamento, com cantos improvisados, como manda o bom costume.



GAMBA. Foto. Sebastianelli

Artigos
fotográficos



REVELAÇÕES
CÓPIAS
AMPLIAÇÕES

serviço rápido e esmerado
A TRADIÇÃO ISNARD
É A SUA MELHOR GARANTIA

Isnard
Cine-Foto S/A

Rua 24 de Maio, 70/90
Alameda Barros, 161

onde seu carro pode estacionar;
sem taxa de estagio

HEIDENIA

RESOLVE O PROBLEMA DA SUA COZINHA
NO SÍTIO OU NA FAZENDA!



FOGOES A GÁS DE OLEO CRU OU QUEROZENE — Com ou sem pavio, com 1, 2 ou 3 bocas e forno

Sociedade Geco Ltda.

Caixa Postal, 2332 — Rio de Janeiro

Um inimigo extremamente perigoso e culpado por cerca de 75% de todos os acidentes fatais na África é o búfalo. Ferido, ele ataca raramente de frente; em geral, faz uma volta, perseguindo o caçador e atacando-o por trás. O chamado pequeno búfalo vermelho da África Ocidental é ainda mais perigoso do que o grande búfalo preto da África Oriental.

Hipopótamos e crocodilos grandes (estes animais chegam a alcançar até seis metros e mesmo mais de comprimento), também podem ser perigosos para o caçador, se este atira de uma canoa e o animal não morre. Acidentes assim produzidos são conhecidos, embora raros. Os crocodilos são muito temidos pelos indígenas porque atacam as mulheres que vão buscar água no rio, em locais não protegidos por cercas fortes, como, por exemplo, no Ruf-idiiji, cheio de crocodilos. Conta-se lá

que eles atacam os remadores com pancadas da cauda, atirando-os à água e matando-os em seguida.

Mas, em condições especiais, até os grandes antílopes, especialmente o *Oryx*, podem ser perigosos, o que já verifiquei pessoalmente. Uma *Oryx*, que pensei morta, atacou-me com os chifres compridos, ferindo-me uma costela.

Se em todos os anos que passei na África logrei ferir-me poucas vezes, a razão era a ação fulminante da pequena carabina que mandara fabricar especialmente. Mesmo assim, enfrentei algumas situações curiosas e perigosas. O que me falta — e já foi consagrado pelo anedotário como típico nos caçadores — é falta de fantasia ilustrativa capaz de deixar o leitor mais emocionado...

(Transcrito da FOLHA DA MANHÃ, de 18 de 12 55)

VOCABULARIO TUPI-PORTUGUÊS

(Continuação)

ALBERTO BALESTRO

- Aracuaá — ave fam. Crecídeos
 Araguaguá — peixe-serra, espadarte
 Araguaira — tico-tico rei
 Araguaí — ave fam. Psitacídeos
 Aramandaia — variedade de besouro
 Aramaçá — linguado (peixe)
- Arapabaça — planta fam. Loganiáceas
 Arapaguá — variedade de cipó
 Arapassó — pica-pau
- Aracanga — var. de arara (macaú)
 Arara — arara
 Araraúna — var. de arara
 Araruna — var. de arara
 Arassá — araçá
 Arassari — var. de tucano
 Arassaripoca — var. de tucano
 Aratarataguaçu — var. de beija-flôr
- Aratu — var. de caranguejo
 Aratupeba — var. de caranguejo
 Aratupinima — var. de caranguejo
 Araticu — araticum
 Araticuarana — araticum-do-brejo
 Araúna — ave fam. Icterídeos
- Areráia — lontra — ariraiha
 Arinhama — galinha
 Ariramba — ave fam. Alcedinídeos
 Arumatiá — bicho-pau
 Ariba — cacho
 Açoca — nome de vários vermes que dão em frutas e carne
 Açu — var. rara de guaçu
 Atinguaçucamucu — alma-de-gato
 Atinguaçu — gaivota
 Atitara — var. planta; jacitara
 Aty — var. de gaivota
 Ay — bicho-preguiça
 Aynha — grão — semente
 Aypy — cachaço, cerviz
 Ayty — ninho
- Baiacu — peixe fam. Tetraodontídeos
 Beju — pão, bolo
 Bejutinguy — bolo de pão de milho
 Biguá — corvo marinho
 Birigüi — var. de bugio
 Byjuripá — peixe fam. Raquicentrídeos
 Caá — mato, fôlha, erva.

FAUNA

ORGÃO MENSAL DO CAÇADOR E PESCADOR NACIONAL

POINTER DE COR PRETA

2



CURI — Pointer de propriedade do sr. Orlando Francalacci, de Tubarão Santa Catarina

ANO XV — N.º 1 — JANEIRO DE 1956 — PREÇO CRS 10,00